



■ No Senado, presidente do BC esfria ânimos mas não impede fuga de mais US\$ 530 milhões

CRISTINA BORGES

As declarações do presidente do Banco Central, Francisco Lopes, na sabatina do Senado, conseguiram esfriar um pouco a altíssima temperatura do mercado financeiro ontem. Depois de Lopes afirmar que não será adotado nenhum controle sobre entradas e saídas de dólares e muito menos o câmbio fixo (*currency board*) nos moldes argentinos, a moeda americana que bateu R\$ 1,97, no comercial, para fechar a R\$ 1,8770 (compra), segundo a taxa média apurada pela Andima.

O dólar comercial subiu ontem 6,61% em relação ao real, acumulando valorização de 54,99% desde o dia 12. O recuo da cotação do dólar comercial ontem é interpretado como sinal de que o mercado finalmente teria encontrado um patamar de oscilação: de R\$ 1,80 a R\$ 1,95, de acordo com Dílson Del Cima, diretor do BBM.

“O ajuste de preço foi fortíssimo. Só que quanto mais rápido, melhor, porque aumenta a chance de ter sucesso”, acrescenta, ao se revelar mais otimista do que quando a taxa estava a R\$ 1,60. Ele adverte que continuam prioritários o ajuste fiscal, as reformas constitucionais e a habilidade do governo no manejo das expectativas inflacionárias, de

mantener a política de juros bem conservadora.

Se as declarações de Lopes acalmaram um pouco o mercado, não conseguiram conter nova fuga de dólares. Até as 19h30, deixaram o país US\$ 529 milhões – US\$ 437 milhões pelo comercial e US\$ 92 milhões pelo flutuante. No mês, as reservas cambiais do Brasil encolheram US\$ 8 bilhões.

O fluxo negativo aumentou próximo ao fechamento do mercado e influiu na perda de parte da valorização dos títulos da dívida externa brasileira, embalada pelas afirmações de Lopes. O C-Bond reduziu a alta de 5% para apenas 1,73%, cotado a US\$ 51,25 do valor de face. O IDU, que subira 3,8%, terminou em alta de 2,53%, a US\$ 81.

A Bolsa de Valores de São Paulo operou em alta constante para reajustar as cotações à desvalorização do real, acompanhando a cotação dos American Depository Receipts (ADRs), em Nova Iorque. Depois das perdas dos dois pregões anteriores, o Ibovespa subiu 6,34%, com de R\$ 571,43 milhões. A alta da bolsa carioca foi idêntica.

Os ADRs do recibo de Telebrás fecharam a US\$ 64,875, a R\$ 121,77 pela cotação média da Andima. Na praça paulista, o recibo de Telebrás PN encerrou a R\$ 114, o lote de mil (+7,54%).

Mesma calça – A Bovespa ganhou força com o recuo do dólar comercial. A maior oferta de venda de dólares que estancou a desvalorização do real não teria partido do BC, que negaria até a morte. Muitos operadores chegaram a afirmar que o Banco do Brasil teria entrado no mercado vendendo dólares, a pedido do BC, o que não deixaria de ser um dos bolos da mesma calça.

O fato é que um dos maiores bancos de varejo do país, com forte caixa em dólares, estaria posicionado na venda, no mercado futuro. Como nesta sexta-feira vence o contrato futuro de dólar de fevereiro as apostas do mercado contra esse grande banco começam a perder fôlego, ainda mais que ele se mostra disposto a derrubar a especulação com a moeda americana vendendo dólares à vista, podendo entrar com mais vigor na sexta-feira para o ajuste dos contratos. Mal ou bem, quem está na ponta de compra no mercado futuro fica com medo do poder de fogo de um adversário dessa envergadura e inicia um recuo tático.

A disparada do dólar comercial ao atingir R\$ 1,95, pela manhã, exigiu da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) nova alteração nos limites de oscilação dos contratos futuros. Para fevereiro, o limite foi retirado. De março em diante aumentou de 6% para 15%. O con-

trato de dólar futuro de fevereiro teve alta de 5,46%, projetando uma cotação de R\$ 1,7743.

Os testes seguidos do mercado para ajustar a taxa de câmbio oficial agitaram o black, com grande diferença dos tempos inflacionários. A cotação do dólar paralelo tem ficado abaixo do comercial, mas a diferença (*spread*) entre o preço de compra e venda alargou bastante. O spread que antes era de 0,2% passou para 10%, uma garantia para o doleiro que tem que ficar estocado na moeda americana. No fim do dia, o paralelo foi negociado a R\$ 1,75 (venda) e a R\$ 1,60 (compra).

Juros – O BC vendeu apenas 150 mil das 500 mil Notas do Tesouro Nacional (NTN-D) vinculadas ao dólar, ontem. As notas cambiais, com prazo de 36 meses, saíram à taxa máxima de 21,9% e média de 20,89% ao ano, mais variação cambial. O leilão de títulos com rendimento misto de taxas de juros prefixadas por uma semana, que passam a pós-fixadas no prazo restante, foi absorvido pelo mercado. O BC acatou a taxa máxima prefixada de 4,099%, que projeta 41,07% ao ano. A taxa pós-fixada é definida pela média do juro interbancário, que é comandado pela Selic, em 32,5%. Os contratos futuros de juro (DI - Depósitos Interbancários) para fevereiro, na BM&F, tiveram uma variação positiva de 0,38%, projetando 29,6% ao ano.